

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 01
10 a 23 de agosto de 2022



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

O SÃO PAULO



NÚCLEO
FÉ E
CULTURA

Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo



Arte: Sergio Ricciuto Conte

Aquele que preenche toda a terra com sua ausência

“Quem é você, que preenche meu coração com sua ausência? / que preenche toda a terra com sua ausência?”, os versos são do sueco Pär Lagerkvist, Prêmio Nobel de Literatura de 1951, e estão em seu livro *Aftonland* (“Terra do Anoitecer”, 1953, sem edição em português). Ele abandonou a fé cristã familiar, mas nunca conseguiu se desvencilhar de uma profunda religiosidade, a ponto de alguns o terem considerado “um cristão contra a própria vontade”.

Lagerkvist inicia o poema dizendo que “um desconhecido é seu amigo” e que seu coração está cheio de tristeza porque esse amigo está distante ou, quem sabe, nem sequer exista... O poeta pode ser considerado um paradigma da cultura ocidental de hoje, que proclama cada vez mais o agnosticismo, mas não consegue eliminar a nostalgia da promessa de infinito e do amor que transcende a todos os limites humanos, característicos da mensagem cristã.

O diálogo entre a fé e a cultura, para ser frutuoso, deve se reportar a esse coração, paradoxalmente sempre ferido pelo encontro. Aqueles que não têm consciência de terem feito esse encontro são feridos pela

ausência e pelo desejo irrealizado, mas aqueles que já têm a consciência desse encontro também permanecem feridos, agora pela beleza e pela ternura que ultrapassam a natureza humana, permanecendo como gratidão por um dom ao qual sabemos nunca sermos capazes de corresponder plenamente.

Nas Cartas do Novo Testamento, não faltam denúncias dos pecados da sociedade da época, nem convites para que os cristãos sejam virtuosos. Contudo, na passagem mais emblemática do diálogo entre fé e cultura daquele período, o discurso de Paulo no Areópago de Atenas (At 17, 16-34), o Apóstolo não se dedica a críticas morais ou exortações à virtude. Anuncia especialmente o encontro com o Deus desconhecido, esse que já era venerado mesmo sem ser conscientemente experimentado, esse que, vinte séculos depois, continua preenchendo os corações humanos, como o de Lagerkvist, mesmo quando aparentemente ausente.

Tendo que anunciá-lo aos atenienses, Paulo se dirige ao anseio mais profundo que existe em seus ouvintes... E a resposta ao nosso

anseio mais profundo é sempre carregada de beleza. Nas palavras do Pontifício Conselho para a Cultura, “o belo nos diz mais sobre o verdadeiro e o bom” (*Via pulchritudinis, caminho privilegiado de evangelização e diálogo*, 2006). Não se trata de mero recurso estético. A Verdade é bela e um exercício de amor e bondade que não se revelasse belo não iria além de um esforço moralista. A denúncia do mal e do erro, para não se tornar ela própria fonte de maldade, deve trazer em si ao menos um vislumbre da beleza que se esconde na solidariedade para com o sofrido, no desejo verdadeiro, mesmo que extraviado, e no ideal de bem que nos permitem reconhecer o que é certo.

Em nosso primeiro Caderno Fé e Cultura, peregrinamos por alguns locais talvez improváveis nos quais Deus nos fascina com sua misteriosa presença, que de certa forma transparece até mesmo quando negada. Francisco Borba comenta os sinais da ausência de Deus na moralidade cada vez mais tortuosa dos super-heróis, em filmes e séries atuais. Arthur Baldin discute questões relativas às redes sociais e às *fake news*, lembrando

do Sr. Jordain, o “burguês fidalgo” de Molière, que se torna ridículo ao buscar se realizar num mundo de aparências e ostentação. Ana Lydia Sawaya nos apresenta a religiosidade atormentada de Jack Kerouac, um dos fundadores do movimento beat, que viveu toda a dramaticidade de um desejo que intuía o encontro, mas não conseguia construir a própria vida a partir dele. Bento XVI, meditando sobre a trágica perseguição antissemita da Alemanha nazista, nos fala das noites escuras, em que Deus parece totalmente ausente da vida de seus filhos, e do renascer da esperança. Por fim, indicamos o livro de Gennaro Iorio, professor do Departamento de Estudos Políticos e Sociais da Universidade de Salerno (Itália), que procura documentar e analisar sociologicamente a presença do amor na vida pública e nos movimentos políticos.

Nestes tempos de pandemia, guerra, pobreza e fome crescentes, novas perseguições e confusão cultural, toda a realidade pode ser como os vasos sagrados de um templo, postos ali para louvar a Deus e nos ajudar a ter sempre em mente o Seu amor por nós.

‘The boys’ e o ocaso dos bons heróis

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

The boys, da Amazon Prime Video, é uma das séries recentes de maior sucesso no streaming. Narra as peripécias de um grupo de super-heróis desajustados, com moralidade mais que questionável, manipulados por uma grande corporação capitalista, dados ao exibicionismo e à violência desenfreada, envolvidos em bacanais e episódios trágicos nascidos da irresponsabilidade no uso de seus superpoderes.

Aqueles criados à sombra dos super-heróis do passado irão se perguntar: o que aconteceu com Super-Homem, modelo de integridade moral, Batman, que em hipótese alguma matava os criminosos, ou mesmo o Homem-Aranha, que popularizou a frase “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”?

A resposta mais imediata é que o público se cansou deles. Sua perfeição de caráter se tornou monótona, repetitiva e pouco crível. As pessoas querem heróis com maior carga dramática, com quem possam se identificar e não seres superiores, que, de certa forma, ao serem ima-

Os super-heróis mostrados nos filmes parecem cada vez mais distantes de um ideal de nobreza de caráter. Sem a experiência do encontro com um Deus de amor, a própria bondade parece um valor cada vez menos sincero.

ginados, parecem apontar o dedo para nossas contradições, incoerências e demais pecados.

Anti-heróis não são uma novidade nem no cinema, nem na literatura. A “segunda chance”, a possibilidade de remissão dos erros do passado, o heroísmo escondido na raiva e na violência são temas recorrentes no cinema e na arte em geral. Contudo, mesmo esses anti-heróis exibiam um forte senso moral. O que os distinguia era não seguirem as regras convencionais, mas serem devotados às suas próprias. O que vemos agora é uma trágica percepção de que os valores morais que orientavam a conduta dos heróis de antigamente não se sustentam ou, pior, foram usados cinicamente como instrumento de repressão e dominação moral.

Curiosamente, os heróis e os deuses míticos tanto dos gregos quanto dos nórdicos, tão em voga hoje em dia, eram um pouco como esses super-heróis atuais. Invertendo o paradigma bíblico (cf. Gn 1, 26-28), eram deuses feitos à nossa imagem. Seria muito difícil, na história do Ocidente, separar a figura do herói nobre e altruísta da mensagem cristã. Talvez tenhamos que repensar a famosa citação de Dostoievsky: “se Deus não existe, tudo é permitido” (*Os irmãos Karamazov*, Editora Martin Claret, 2013). Agora, talvez seja melhor dizer “se Deus não existe, a bondade não tem sentido”.

Já em 1926, no livro *A tentação do Ocidente* (Editora do Brasil, 2005), André Malraux escreveu: “Não há ideal a que possamos sacrificar-nos,

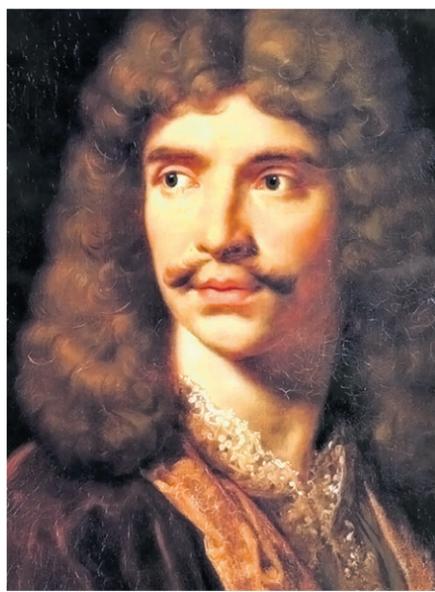
porque de todos eles conhecemos a mentira, nós os que ignoramos em absoluto o que seja a verdade”. Como a figura de um super-herói irrepreensível pode coexistir com essa desilusão niilista? Parece até mais óbvio pensar seus estereótipos de masculinidade, feminilidade, honra e dedicação como armadilhas ideológicas para restringir a liberdade humana.

Trata-se de um cenário contraditório. Nos preocupamos cada vez mais com as minorias, com os oprimidos, com o bullying e a ganância. Mas, ao mesmo tempo, desacreditamos que os poderosos possam ter freios morais, que o amor possa gerar um verdadeiro altruísmo. Escandalizar-se pouco adianta. Ao século XX, faltaram mais testemunhos de amor cristão à altura das reflexões críticas que denunciavam a hipocrisia de nossa sociedade. Tais testemunhos existem, mas em menor quantidade do que o necessário. Esse é o desafio que se apresenta a nossos tempos.

* Coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP e do projeto Olhar Integral, sobre Doutrina Social da Igreja, nas redes sociais.

O Burguês Fidalgo contemporâneo

Arthur Acosta Baldin*



Molière (Fonte Wikimedia Commons)

O Burguês Fidalgo, de Molière, publicada em 1670, reflete muito sobre a França da época. A burguesia, ascendendo economicamente, ansiava pelo status da fidalguia. Isso implicava não apenas no lado econômico, mas também no cultural e intelectual daquele que buscava outro patamar social.

A trama gira em torno do senhor Jordain, um burguês que, por meio de seu trabalho e do comércio de seu pai adquiriu muito dinheiro, ansian-

Hoje em dia, em meio ao advento da internet, com a ideia de lugar de fala levada às últimas consequências, as fake news e a liberdade de expressão inseridas num contexto de pós-verdade, nos sentimos donos de nossas verdades, nos fechando a qualquer tipo de ideia divergente. Nesse contexto, é oportuno uma releitura da peça de Molière.

do pela fidalguia. Para conseguir tal mudança de status, contrata professores de esgrima, conhecimentos gerais, música e dança, envolvendo-se com pessoas que possam ajudar na empreitada. Constrói amizades com a nobreza e tenta fazer sua filha se casar com um nobre e não com Cleonte, burguês que ela amava. Sua esposa conseguia ver o lado ridículo dessa transformação, na qual seu marido procurava, de forma artificial, passar uma imagem que não condizia com sua essência, permitindo que outros se aproveitassem dele.

Molière conseguiu, com seu Jordain, que vem de um lugar, mas quer pertencer a outro, mostrar a superficialidade humana nas relações sociais. Na trama, tal postura é trabalhada com ironia e atinge o tom cômico quando a imagem é

mais valorizada do que a essência do sujeito.

O poder aquisitivo de Jordain fez com que ele se permitisse alçar a outros campos sociais, buscando maior acesso aos bens de consumo e conhecimento. No entanto, sua ganância e ambição ignoravam o fato de que ele próprio era um tolo, fazendo com que reduzisse sua compreensão de mundo ao que julgava ser certo ou errado. De modo similar, nos tempos de hoje, o ser humano posta deliberadamente em suas redes, sem se questionar sobre a veracidade dos fatos ou procurando aparentar algo distante de sua realidade.

As críticas de Molière aos burgueses de seu tempo podem servir como advertência para todos nós, nos tempos atuais. Neste ano eleitoral, é de extrema importância que

o debate saia da superficialidade das redes sociais e se torne um espaço de discussão mais profunda sobre o futuro do País. “Buscareis a verdade e ela vos libertará” (Jo 8, 32). Duas perguntas se tornam necessárias antes de qualquer compartilhamento nas redes sociais. Tal conteúdo corrobora com a verdade? O que estarei agregando aos meus seguidores com essa informação? Questões estas que Jordain deveria ter feito a si ao querer mudar seu status. O que essa mudança, pela qual tanto se esforçava, lhe agregaria como pessoa e o que agregaria à sociedade?

Jordain não fez essa autorreflexão e se deixou levar pelo seu lado mais ridículo. Segundo o Papa Francisco “tudo aquilo que se compartilha, se multiplica” (*Visita à comunidade de Manguinhos*, 2013). É nosso dever como cristãos e cidadãos refletir sobre o que se compartilha em nossas redes, para que nossas postagens sejam algo que agregue valor ao debate público e não aumente o discurso de ódio e a polarização.

* Ator e professor de teatro nos colégios Oswald de Andrade e Catamarã.

Jack Kerouac, um ‘louco’ de Cristo

Ana Lydia Sawaya*

Quem conhece o vosso nome, em vós espera, porque nunca abandonais quem vos procura (Sl 9)

O mundo atual deixou de ser aquele em que os valores cristãos eram mais ou menos seguidos e a santidade era reconhecida. Agora, tudo parece ter se tornado líquido, confuso. Será que Deus abandonou o mundo? Nunca houve antes milhões de pessoas afirmando, como agora, que Ele não existe... Vemos tudo virando de cabeça para baixo, inclusive a natureza...

Ainda é possível a esperança cristã? Sim, porque sabemos com certeza que Cristo crucificado, morto e ressuscitado é a companhia definitiva de Deus e não nos abandonará. Mas onde Ele se faz presente? Como encontrá-lo? Onde o Espírito está agindo? Em quem está se fazendo presente?

Um olhar mais atento para a realidade atual consegue descobrir, com nitidez, a presença de certas pessoas que, no meio da confusão e da loucura, procuram a Deus com sinceridade. Algumas são tão perdidas e confusas como a realidade que as envolve. Vivem no meio da desordem e da loucura e, exatamente por causa da sua busca radical, se jogam de forma extrema na realidade, procurando encontrar algo de verdadeiro que apazigue o desejo de infinito do seu coração – pois o coração do ser humano foi feito para Deus (quer queira, quer não).

Deus não deixa de escutar um desejo sincero de encontrá-Lo, mas nosso caminho depende das pessoas que encontramos, do lugar onde nascemos e do contexto cultural. Por isso, encontrar alguém que nos mostre com a própria forma de viver, de modo persuasivo, um caminho de fé é uma grande fortuna.

O caminho de Jack. Fundador de um estilo literário novo, Jack Kerouac (1922-1969) era católico. *On the Road* (‘Pé na estrada’, L&PM Editores, 2004), seu romance mais famoso, foi um ícone da geração beat (palavra que significa muitas coisas: batida rítmica do jazz, pulsação; mas que para Jack significava beatitude) e do movimento hippie.

Jack se entristeceu ao descobrir o que seu livro tinha provocado. Não tinha sido compreendido. E, no final da vida, se afastou de tudo. O meio que havia encontrado (difícil, problemáti-

Jack Kerouac, que estaria comemorando 100 anos se estivesse vivo, foi um dos maiores escritores da geração beat, que desembocaria no movimento hippie. Homem polêmico e controverso, sua vida estava longe dos padrões morais católicos. Contudo, depois que seus ‘Diários’ (L&PM Pocket, 2012) foram publicados, passou-se a conhecer melhor a sua intensa e constante busca de Deus, seu relacionamento familiar e vivo com Jesus. Sua religiosidade foi inclusive objeto de artigos de La Civiltà Cattolica e de L’Osservatore Romano.

Foi visto como ícone da vida dissipada, fundador da era das drogas e sexo livre. Mas, ele não era isso. Mesmo que pareça escandaloso, viveu tudo isso buscando a verdade, o Cristo real. Ao aproximarmos da sua história e da sua vida é impossível não lembrar que Jesus, censurado por conviver com publicanos e pecadores, disse ter vindo para eles, para levá-los ao arrependimento (Lc 5, 29-32)... E o primeiro que Cristo declarou levar ao Reino dos Céus era um malfeitor (Lc 23, 42-43).

Jack se deu conta da insensatez da sociedade em que viveu e de como esse não era o caminho para encontrar o Jesus real. Decidiu viver na pobreza, buscando, pelas estradas americanas, como diz em um trecho do seu livro mais famoso ‘On The Road’, AQUILO.



Beatniks in coffee house 1959, de Robert Huffstutter (Fonte: Flickr)

co, sofrido e, como ele diz muitas vezes, profundamente triste) prevaleceu sobre a meta. As aparências prevaleceram e tudo pareceu se reduzir à busca do prazer pelo prazer. Mas não era isso que havia perseguido na vida.

Suas constantes viagens, que à primeira vista pareciam apenas diversão e descompromisso, eram uma busca pelo REAL, aquilo que realmente é. Para ir “além”, ele experimentou tudo o que estava à mão: álcool, marijuana, benzedrina, mulheres... Queria compreender até o fundo a condição humana, suas reais sensações, sentimentos e pensamentos. Não o que se deve ser, mas o que se é realmente.

Queria conhecer o ser humano real porque intuía que assim encontraria a Deus. Tinha sempre a percepção de que Ele só pode ser encontrado pela

pessoa “real”; o único caminho é a sinceridade total e a autenticidade.

Não era um amoral ou imoral. Sabia que a estrada dos prazeres e do álcool é mortífera. Por que escolheu essa estrada? Talvez para espantar a tristeza, sua companheira constante. A necessidade de lutar contra ela estava sempre presente.

A redenção possível. O que descobriu? Que em TODA a realidade, até na mais horrível e abjeta, Deus está presente. Há uma positividade última em tudo o que existe e em todo o mover humano. Nada pode ser jogado fora. Dirá no seu Diário:

“Não importa o que tenha sido feito ao homem, ele não deve ser destruído ou destruir a si mesmo (*ndr.* falava da pena capital e do suicídio), porque, em

toda a desordem e ruína horripilante do mundo e da imaginação humana, ainda há vida e a possibilidade de redenção através do mero vislumbre da terra, por meio da admiração, o mais abjeto tipo de admiração se arrastando por uma rua, e nisso a coisa inteira pode ser redimida.”

A história lhe fez jus e sempre mais se compreende sua mensagem profunda, seu olhar contemplativo sobre as loucuras do mundo, a sua sensibilidade religiosa. Jack tinha constantemente o Novo Testamento consigo e rezava antes de começar qualquer coisa.

Desde a sua infância até a sua morte aos 47 anos de cirrose, escrevia a Deus, orações para Jesus, poesias dedicadas a Paulo e pedia pela sua salvação. Jesus é próximo, vivo e um interlocutor presente. Dirá no Diário:

“Jesus, a tua é a única resposta para todos os seres vivos”.

Como os loucos de Cristo. Ao ler seus livros e conhecer sua história, vieram-me em mente os monges russos *jurdivye*, os “loucos” de Cristo que desde a Idade Média vivem vagando a esmo pelas estradas, como vagabundos. Vivem no mundo como o lugar “em que se evidencia a alteridade do Reino de Deus, mediante uma radical contestação de toda e qualquer lógica mundana” (PIOVANO, A. *Monachismo nel mondo*, Paoline, 2010). Para eles, há uma “irreduzível oposição entre a sabedoria deste mundo e a pregação de Jesus Cristo crucificado. Por isso, escandalizam os espíritos embe-

bidos pelo racionalismo, para os quais a razão humana é a medida de todas as coisas”. E “com gestos simbólicos, cuja estranheza toca a imaginação e acorda as consciências adormecidas, os loucos de Cristo condenam a ordem mentirosa e testemunham uma nova ordem do Reino de Deus, manifestada para aqueles que zombam da razão humana e das suas enganadoras prudências”.

Dois aspectos sintetizam essa experiência religiosa: um agir que provoca o desprezo dos homens, mas é arma contra o orgulho espiritual, e uma missão profética. Bela síntese para a vida de Jack.

* Monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da UNIFESP, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, e pesquisadora visitante do MIT.

Política e eleições a partir das reflexões do Papa Francisco e da Doutrina Social da Igreja

olhar
integral

Ciclo de estudos, voltado a universitários e jovens profissionais, para um diálogo sobre temas de nossa conjuntura política, num enfoque não partidário, baseado nos princípios do ensinamento social católico.

Promoção: Núcleo Fé e Cultura, Coordenadoria de Pastoral Universitária da PUC-SP.

Veja mais informações na página https://olharintegral.com/dsi_eleicao ou pelo QRCode ao lado.



Bento XVI em Auschwitz: O diálogo da fé e da esperança com o sofrimento do mundo

Redação

“Quantas perguntas surgem neste lugar! Sobressai sempre de novo a pergunta: Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou? Como pôde tolerar este excesso de destruição, este triunfo do mal? [...]”

Devemos elevar um grito humilde, mas insistente a Deus: Desperta! Não te esqueças da tua criatura, o homem! E o nosso grito a Deus deve, ao mesmo tempo, ser um grito que penetra o nosso próprio coração, para que desperte em nós a presença escondida de Deus, para que seu poder, que Ele depositou nos nossos corações, não seja coberto e sufocado em nós pela lama do egoísmo, do medo dos homens, da indiferença e do oportunismo.

Emitamos este grito diante de Deus, dirijamo-lo ao nosso próprio coração, precisamente nesta nossa hora presente, na qual surgem novas desventuras, na qual parecem emergir de novo dos corações dos homens todas as forças obscuras: por um lado, o abuso do nome de Deus para a justificação de uma violência cega contra pessoas inocentes; por outro, o cinismo que não conhece Deus e que ridiculariza a fé Nele. Nós gritamos a Deus, para que impulse os homens a

O escândalo com a aparente vitória do mal e do sofrimento é uma das maiores justificativas para a descrença. Como pode um Deus de amor permitir que seus filhos sofram tanto, seja por desastres naturais, pandemias, guerras ou injustiças praticadas pelos próprios seres humanos?

Vivemos tempos nos quais esta questão é particularmente gritante para nós. A pandemia que dizimou tantas vidas e nos deixou isolados e desorientados, a guerra na Ucrânia, com todos os seus desdobramentos, a fome que assola nossos irmãos vitimados pela crise econômica, os inocentes que lutam por justiça assassinados...

*Diante dessa realidade desafiadora, vale a pena retomar a reflexão que Bento XVI realizou, em 2006, no campo de **Concentração de Auschwitz-Birkenau**, onde mais de um milhão de judeus foram mortos pelos nazistas. O grito do ser humano não pode ser negado, mas a experiência do encontro com Cristo nos mostra que Deus pode fazer surgir um bem maior até mesmo do mal (cf. **Catecismo da Igreja Católica**, CIC 311).*

arrepender-se, para que reconheçam que a violência não cria a paz, mas suscita apenas outra violência, numa espiral de destruição, na qual todos, no fim das contas, só têm a perder.

O Deus, no qual nós cremos, é um Deus da razão, mas de uma razão que certamente não é uma matemática neutra do universo, mas que é uma coisa só com o amor, com o bem. Nós rezamos a Deus e gritamos aos homens, para que esta razão, a razão do amor e do reconhecimento da força da reconciliação e da paz, prevaleça sobre as

ameaças circunstantes da irracionalidade ou de uma falsa razão, separada de Deus. [...]

Graças a Deus, com a purificação da memória, à qual nos estimula este lugar de horror, crescem à sua volta numerosas iniciativas que desejam pôr um limite ao mal e dar força ao bem. Há pouco pude abençoar o Centro para o Diálogo e a Oração. Nas imediatas proximidades tem lugar a vida escondida das irmãs carmelitas, que estão particularmente unidas ao mistério da cruz de Cristo e nos recordam a fé dos cristãos, que afirma

que o próprio Deus desceu ao inferno do sofrimento e sofre juntamente conosco. Em Oswiecim, existe o Centro de São Maximiliano e o Centro Internacional de Formação sobre Auschwitz e sobre o Holocausto. Depois, há a Casa Internacional para os Encontros da Juventude. Numa das Antigas Casas de Oração, existe o Centro Hebraico. Por fim, está a constituir-se a Academia para os Direitos do Homem. Assim podemos esperar que do lugar do horror nasça e cresça uma reflexão construtiva e que recordar ajude a resistir ao mal e a fazer triunfar o amor.

[Desejo] concluir com uma oração de confiança, um Salmo de Israel, que é, ao mesmo tempo, uma oração da cristandade: ‘O Senhor é o meu pastor: nada me falta. Em verdes prados me fez descansar e conduziu-me às águas refrescantes. Reconforta a minha alma e guia-me por caminhos retos, por amor do seu nome. Ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo porque Tu estás comigo. A tua vara e o teu cajado dão-me confiança... habitarei na casa do Senhor para todo o sempre’ (Sl 23, 1-4.6).”

O ágape segundo a Sociologia*

Vera Araújo**

Sociologia do amor é o título do livro de Gennaro Iorio, professor do Departamento de Estudos Políticos e Sociais da Universidade de Salerno (Itália) e membro da rede de pesquisadores Social One (Social Sciences in dialogue), expressão cultural do Movimento Focolare.

A união “sociologia – amor” não é usual, mas, como o sociólogo Paulo Henrique Martins, da Universidade Federal de Pernambuco, explica no posfácio: “este livro ambiciona apresentar o amor agápico como um conceito estratégico para lançar luzes sobre os acontecimentos contemporâneos, buscando assegurar igualmente a demonstração empírica do trabalho teórico. Ele busca revelar um segredo ontológico: as possibilidades de uma experiência de libertação reflexiva que se propõe algo diferente do que foi sugerido até recentemente pelas ciências sociais”.

Talvez alguns leitores pensem que o amor (ágape) fosse assunto religioso, teológico, ético ou até filosófico. Gennaro procura demonstrar que este assunto tem a ver com a nossa vida cotidiana, privada, como também social, política, econômica, enfim, cultural e que, portanto, lhe cabe um espaço na sociologia como ciência que analisa as ações sociais e mira ajudar não só a conhecê-las, mas também a transformá-las.

O ágape, como conceito sociológico, é definido por Iorio “como uma ação, relação ou interação social na qual os sujeitos excedem (em dar, receber, em não dar ou não fazer, em omitir) todos os seus antecedentes e, portanto, oferece mais do que a situação exige com a intenção de gerar um benefício”.

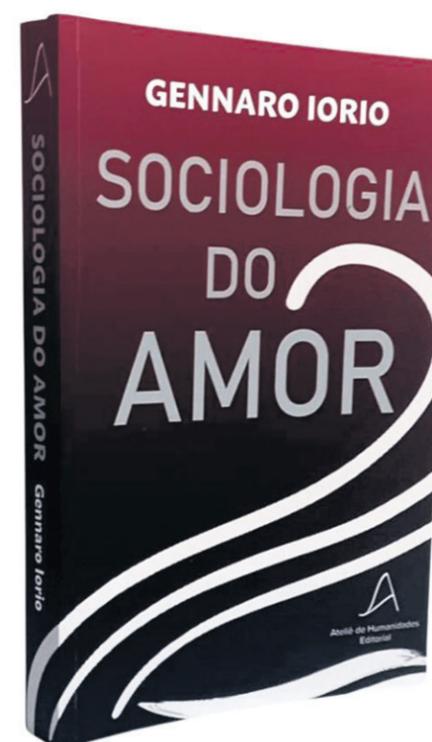
O conceito de amor foi tratado por muitos mestres clássicos, como Georg Simmel, Max Weber e Piti-

rim A. Sorokin. No livro, Iorio dialoga ainda com Jean Luc Marion, Donald Winnicott, Axel Honneth e Arpad Szakolczai.

Iorio se indaga sobre a presença do ágape na dimensão privada e na dimensão pública, apresentando estudos empíricos na realidade social, em contextos históricos e com autores individuais e coletivos muito diferentes. Mostra que o ágape é uma propriedade do agir social e que não está ligado necessariamente a uma doutrina ou a um grupo social específico.

Gennaro finaliza afirmando que “seja como for, rejeitado ou ignorado, [o ágape] é algo que resiste e insiste, como um fato que não aceita ser reduzido ou oculto, um fato que não pode desaparecer na preguiça pré-concebida”.

* Artigo adaptado do original publicado em Cidade Nova.
** Socióloga, membro da rede Social One



IORIO, Gennaro. *Sociologia do Amor: ágape na vida social*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2021.